

**O conceito de representação e os limites da *mimesis* em
*Forçando os limites do texto*¹**

**The concept of representation and the limits of mimesis in
*Forçando os limites do texto***

Isabel Virginia de Alencar Pires²

Palavras-chave: Conceito de representação. Mimesis. Ficção. Estudos literários. Mídia. Memória.
Key words: Concept of representation. Mimesis. Fiction. Literary studies. Media. Memory.

Forçando os limites do texto: estudos sobre representação, coletânea de ensaios organizada por Ana Cristina Chiara, propõe-se a investigar, a partir do conceito de representação, a relação entre palavra e imagem, ou seja, entre o campo da escrita e o campo da visualidade. Este tema, amplamente discutido no campo dos estudos literários e das ciências humanas de modo geral, é, desde Platão, um dos mais debatidos na cultura do Ocidente.

Abrindo a discussão, o texto de Ana Lúcia Oliveira, “*Ut pictura poesis*: o paradigma pictural nos diálogos platônicos”, reflete sobre a problemática da pintura e da poesia nos *Diálogos* de Platão. No pensamento platônico, pintura e poesia não seriam matérias em oposição, mas estariam, assim como a retórica e a sofística, no bojo da condenada *mimesis*, afastada “em três graus da verdade original” (p.12) – o mundo perfeito das idéias. A partir dos estudos de Luiz Costa Lima sobre a *mimesis* grega e dos trabalhos pioneiros de Barbara Cassin acerca da sofística (tratada por Platão como produtora de imagens falsas, e que, por isso, deve ser excluída do campo da “boa filosofia”), o texto de Ana Lúcia não

apresenta, porém, uma rígida terminologia com relação aos conceitos de representação e imitação, que aí são tratados de forma imbricada. Se, por um lado, a noção de representação se liga mais diretamente ao conceito grego de *mimesis*, por outro, o conceito de *imitatio*, de origem latina, foi largamente utilizado pelo Renascimento. Como se sabe, fundamentada em tal conceito, a época renascentista “imitou” a Antigüidade Clássica em muitos dos seus aspectos, produzindo, na poesia, nomes como Sá de Miranda, Antônio Ferreira, Dante, Petrarca e Camões.

Por outro lado, Sílvia Regina Pinto, em seu ensaio “Armadihas de libertação e dominação”, revela extremo cuidado no manejo do conceito de representação, que ela irá colocar em xeque ao discutir temas contemporâneos, como a questão do hipertexto, da mediação tecnológica e da intervenção das mídias na cultura atual – conceitos recém-criados, se comparados aos de *mimesis* e *imitatio*. Concentrando a análise na presença do hipertexto no romance *Teatro*, de Bernardo Carvalho, e nos filmes “Moulin Rouge”, de Baz Luhrmann, e

¹ Resenha da obra: CHIARA, Ana Cristina (Org.). *Forçando os limites do texto*. Rio de Janeiro : 7Letras, 2002.

² Socióloga pela UFMG e Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ. E-mail: ivap@ipea.gov.br ou isabelvp@yaho.com.br.

“Mulholland Drive”, de David Lynch, o estudo de Sílvia Regina toca ainda na questão da memória. Observe-se que tal problemática é fundamental na sociedade “clicherizada” da “era da imagem”, uma vez que esta, sem dúvida baseada no conceito de informação, enfrenta o dilema de dispor de meios e mecanismos de armazenar imagens. Por outro lado, à semelhança do romance *Teatro*, em que “o autor parece pouco interessado em localizar suas personagens no tempo ou em cenários muito verídicos” (p.57), o aparato técnico da mídia não tem como prioridade a preservação da memória. Ao contrário, a produção cada vez mais acelerada de imagens parece ser desvirtuada de qualquer sentido e de uma função social que não seja voltada para o mercado.

Carlinda Fragale Nuñez e Antonieta Jordão Borba tomam, como ponto central de suas reflexões, a análise de pinturas do Renascimento. No exame minucioso que faz da tela do pintor holandês Pieter Claesz, *Natureza morta com bola espelhada*, de 1630, Carlinda Nuñez, em seu texto “Figurações do invisível: o que os olhos não vêem, a mão inventa”, remonta a duas obras teóricas alemãs, produzidas respectivamente nos séculos XVII e XVIII: os estudos ópticos do astrônomo Kepler, que “traduziram e estimularam [...] a habilidade dos pintores do norte, na sua forma de representar o mundo e a vida” (p.26-27), e o *Laocoonte*, de Lessing, que discute o intercâmbio entre os códigos da pintura e da poesia. Na análise da pintura do também holandês David Bailly, *Auto-retrato com símbolos da vaidade*, de 1651 – em que são válidas, segundo Carlinda, as observações atinentes à obra de Claesz –, a autora destaca a importância do aspecto lítero-discursivo, presente naquela pintura. Fazendo uma analogia do vulto feminino emoldurado na parede da tela com a aparição, envolta em “invisibilidade”, de Helena, narrada no episódio “Teicoscopia”, no canto III da *Ilíada* de Homero, Carlinda conclui que nem tudo pode ser representado, “sob pena de sofrer as restrições dos meios expressivos” (p.35) – idéia trabalhada por Lessing, que demonstra, já no século

XVIII, “que o essencial do processo mimético se encontra no momento da recepção: o efeito, a criação da ilusão” (p.35).

O ensaio de Antonieta Jordão Borba, “Breves considerações sobre experiência estética”, embora tenha por objeto a mesma pintura de Velázquez estudada por Foucault – o quadro *As meninas*, de 1656 –, segue linha diversa de análise, buscando, de imediato, o efeito produzido pela obra do artista espanhol em quem a contempla, suscitando assim questões pertinentes à Teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss. Fazendo uma aproximação do quadro de Velázquez com o poema *O corvo*, de Edgar A. Poe – e tentando concretizar deste modo a discussão sobre imagem visual e imagem escrita por meio dos conceitos de *poiésis*, *aísthesis* e *kátharsis* trabalhados por Jauss em seu texto “*O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Kátharsis*” –, Antonieta pretende “reinstaurar [...] o objeto imaginário [...], que me conduz de volta àquele canto esquerdo da tela de Velázquez” (p.44), e que só se tornaria compreensível a partir da percepção estética, aliada a um dispositivo imaginário que permite preencher o que permanece apenas pressuposto – seja na poesia ou na pintura.

Os dois últimos ensaios da coletânea reservam espaço para a concepção de representação na poesia brasileira. Às voltas com a questão da linguagem poética no “perturbado e perturbador cenário do século XXI” (p.67), Ana Rezende Chiara, no texto “Murilo Mendes, o poeta do futuro”, parte da indagação acerca de quem seria o representante da “poesia do futuro”, uma vez que “o futuro chegou” (p.68). Sem determinar muito bem o que seria “uma crise de linguagem” e “uma crise de pensamento” – genericamente instauradas, segundo a autora, na “história do século XX/XXI” (p.68) –, o estudo de Ana Chiara se empenha, por outro lado, em tentar definir “a verdadeira importância da arte para a existência humana” (p.75), que seria dada pela “ascese poética” (p.72) de Murilo Mendes, aquele “que mais se aproxima da figura do poeta sobre quem indagávamos no início” (p.72).

Fechando a coletânea, Fátima Cristina Dias Rocha, no ensaio “A representação lírica da cidade carioca na poesia de Drummond”, traz à discussão a representação da cidade do Rio de Janeiro no desenho poético de Drummond, buscando desvelar de que modo se dá “o pasmo do provinciano à solta na metrópole carioca” (p.81). Privilegiando a tensão “entre a herança rural e a atualidade urbana” (p.84), Fátima Cristina tenta captar a imagem da cidade carioca construída pelo poeta ao longo de sua obra. Acompanhando “o itinerário poético do Rio de Janeiro traçado por Drummond” (p.80) desde o poema “Lanterna mágica”, de *Alguma poesia* (1930), até “Favelário nacional”, do livro *O corpo* (1984), o estudo de Fátima Cristina constitui um convite irrecusável para um passeio pela poesia de Drummond, que surge labiríntica e cartográfica, mas que, não obstante, “revela a capacidade de discernir, nas situações banais ou corriqueiras, o drama da condição humana” (p.88). Nessa cartografia poética

de representação da cidade carioca há, ainda, na concepção da autora, lugar para a memória, que funcionaria, na poesia de Drummond, tanto para um “projeto de resistência ao apagamento da memória da cidade” (p.91) como para as reminiscências nostálgicas do eu.

Como espécie de fio condutor da discussão, o conceito de representação perpassa os textos da coletânea, patenteando, assim, a sua atualidade e pertinência para o âmbito dos estudos literários. Abordando-o de diferentes ângulos de visão – quer problematizando-o ou não –, as autoras de *Forçando os limites do texto* possuem o mérito de não tentar enclausurá-lo dentro de limites prévios e rígidos. Ao contrário, propõem um amplo debate sobre o conceito, abrindo-o ainda para as questões atuais, como a problemática da fabricação incessante de imagens tecnológicas, questão fulcral de vários estudos contemporâneos, e a partir da qual Jean Baudrillard formulou a sua teoria do simulacro.

